

## A EUROPA ANTES DA GUERRA

[Capítulo 2 de *As Consequências Económicas da Paz*, 1919]

Antes de 1870, as diversas partes da Europa tinham-se especializado nos seus produtos respectivos; mas, como um todo, o pequeno continente era substancialmente auto-suficiente e a sua população estava ajustada a essa situação.

Depois dessa data, assistiu-se a um desenvolvimento sem precedentes de grande amplitude e, nos cinquenta anos que se seguiram, a situação económica da Europa assumiu uma forma instável e peculiar. Pela primeira vez na história, a pressão da população sobre a alimentação, que já fora contrabalançada pela acessibilidade dos abastecimentos provenientes da América, veio a inverter-se manifestamente. Na verdade, quanto mais se expandia a população, mais a alimentação era fácil de assegurar. A expansão da escala de produção dava origem a rendimentos proporcionalmente mais elevados, tanto na agricultura como na indústria. Com o aumento da população europeia, havia, por um lado, mais emigrantes para lavar o solo dos novos países, e, por outro lado, mais trabalhadores na Europa para elaborar os produtos industriais e os bens de capital destinados a abastecer as populações emigrantes nas suas novas terras, e construir as vias-férreas e os navios que haviam de tornar acessíveis à Europa os alimentos e as matérias-primas vindos de remotas paragens. Até cerca de 1900, de ano para ano, uma unidade de trabalho aplicada à indústria produzia um poder de compra sobre os produtos alimentares cada vez maior. Possivelmente, por volta de

1900, o processo terá começado a inverter-se, tendo a terra voltado a responder com um rendimento decrescente aos esforços do homem. Mas a tendência para o aumento do custo dos cereais era contrabalançada por outros melhoramentos; além disso — e isto era uma das muitas novidades — os recursos da África Tropical começaram então a ser amplamente utilizados, tendo um grande tráfico de oleaginosas vindo trazer às mesas europeias sob uma forma nova e mais barata um dos produtos alimentares essenciais da humanidade. Foi neste Eldorado económico, nesta Utopia económica, como os primeiros economistas a chamariam, que fomos criados.

Essa idade feliz esqueceu uma visão do mundo que enchera de profunda melancolia os fundadores da nossa economia política. Antes do século XVIII, a humanidade não nutria falsas esperanças. E, para desarmar as ilusões que se tornaram populares no final dessa época, Malthus trouxe à cena um diabo. Durante meio século, todos os escritos económicos sérios tinham esse diabo claramente presente. No meio século que se seguiu, o diabo foi acorrentado e escondido. Hoje, é possível que o tenhamos voltado a libertar.

Que extraordinário episódio na marcha económica da humanidade foi essa era que veio a terminar em Agosto de 1914! É certo que a maior parte da população trabalhava duramente e vivia sujeita a um baixo padrão de conforto, mas, ao que parecia, sentia-se razoavelmente satisfeita com a sua sorte. Contudo, qualquer homem com capacidades ou carácter superiores à média tinha a possibilidade de escapar a essa situação, ascendendo às classes média ou superior, às quais a vida propiciava, a baixo custo e com pouco incómodo, comodidades, bem-estar e deleites que não estavam ao alcance dos mais ricos e poderosos monarcas de outras eras. O habitante de Londres podia encomendar por telefone, enquanto sorvia o chá matinal na cama, os vários produtos da terra inteira na quantidade que lhe aprouvesse, e esperar razoavelmente que lhos trouxessem com celeridade ao domicílio; ao mesmo tempo, e pelos mesmos meios, podia arriscar a sua riqueza nos recursos naturais e nas novas empresas dos quatro cantos do mundo e, sem esforço nem sequer incómodo, comungar dos seus frutos e vantagens potenciais; ou poderia decidir casar a segurança dos seus haveres com a boa-fé dos cidadãos de qualquer importante municipalidade de

qualquer continente que a fantasia ou o conhecimento lhe recomendassem. Se o desejasse, podia reservar imediatamente meios de transporte baratos e confortáveis para qualquer país ou clima sem passaporte ou outras formalidades, enviar um criado à agência bancária da esquina por uma provisão de metais preciosos que achasse oportuna e partir para longes paragens sem lhes conhecer a religião, a língua ou os costumes e sentindo-se gravemente ofendido e muito surpreso ao mínimo empecilho. Mas, e sobretudo, encarava este estado de coisas como normal, certo e permanente, salvo eventual melhoramento, e qualquer desvio dele como aberrante, escandaloso e evitável. Os projectos e políticas do militarismo e do imperialismo, das rivalidades raciais e culturais, dos monopólios, restrições e exclusões, fadados para desempenhar o papel da serpente neste paraíso, pouco mais eram do que divertimentos do jornal que lia diariamente, e pareciam não exercer quase nenhuma influência no curso normal da vida económica e social, cuja internacionalização estava quase consumada na prática.

Para apreciar o carácter e as consequências da paz que impusemos aos nossos inimigos, será útil elucidar um pouco mais profundamente alguns dos principais elementos instáveis já presentes na vida económica da Europa quando rebentou a guerra.

## I. POPULAÇÃO

Em 1870, a população da Alemanha roçava os 40 milhões de habitantes. Em 1892, este número ascendia a 50 milhões e a 30 de Junho de 1914 a cerca de 68 milhões. Nos anos que precederam imediatamente a guerra, o aumento anual era de cerca de 850 000 habitantes, dos quais só uma porção insignificante emigrava<sup>1</sup>. Este elevado crescimento só se tornou possível graças a uma extraordinária transformação da estrutura económica do país. A Alemanha, que era uma nação agrícola essencialmente auto-suficiente, transformou-se numa vasta e complexa máquina industrial que,

<sup>1</sup> Em 1913, emigraram 25 843 alemães, dos quais 19 124 se dirigiram para os Estados Unidos.

para poder funcionar, estava dependente de factores compensatórios tanto externos como internos. Só fazendo trabalhar esta máquina continuamente a todo o gás o país podia dar ocupação à população em crescimento e adquirir no estrangeiro os seus meios de subsistência. A máquina alemã era como um pião que, para manter o equilíbrio, precisa de rodar cada vez mais depressa.

No Império Austro-Húngaro, cuja população se expandiu de cerca de 40 milhões de habitantes em 1890 para pelo menos 50 milhões ao eclodir a guerra, assistia-se em menor grau à mesma tendência, sendo o excedente anual de nascimentos sobre as mortes de cerca de meio milhão, embora se verificasse uma emigração também anual de um quarto de milhão de pessoas.

Para compreender a presente situação, temos de apreender com nitidez que extraordinária concentração demográfica se tornou a Europa Central graças ao desenvolvimento do Império Alemão. Antes da guerra, a população da Alemanha e da Áustria-Hungria no seu todo não só excedia a dos Estados Unidos como estava perto de igualar a do conjunto da América do Norte. Neste volume de população, concentrado num território compacto, reside a força militar das potências centrais. Mas esse mesmo volume — pois nem sequer a guerra o reduziu apreciavelmente<sup>2</sup> —, se privado dos meios de subsistência, continua a ser um perigo para a ordem europeia.

A Rússia europeia viu a sua população aumentar num grau ainda superior ao da Alemanha — tendo passado de menos de 100 milhões de habitantes em 1890 para cerca de 150 milhões ao eclodir a guerra<sup>3</sup>; e, nos anos que precederam imediatamente 1914, o excedente de nascimentos relativamente às mortes na Rússia como um todo atingia o prodigioso ritmo de dois milhões de pessoas. Este extraordinário crescimento da população russa, embora tivesse passado amplamente despercebido na Inglaterra, foi um dos factos mais significativos dos últimos anos.

Os grandes acontecimentos da história atribuídos às loucuras de homens de Estado ou ao fanatismo ateu devem-se muitas vezes a

2 Estima-se em cerca de 2 700 000 a diminuição líquida da população alemã no final de 1918 resultante do declínio dos nascimentos e do excesso de mortes, em comparação com 1914.

3 Incluindo a Polónia e a Finlândia mas excluindo a Sibéria, a Ásia Central e o Cáucaso.

movimentos de crescimento demográfico e outras causas económicas fundamentais de longo prazo que escapam à atenção dos observadores contemporâneos pelo seu carácter gradual. Assim, as extraordinárias ocorrências dos últimos dois anos na Rússia, a imensa convulsão social que derrubou o que parecia mais estável — a religião, a base da propriedade, a posse do solo, bem como as formas de governo e a hierarquia das classes — pode ter ficado a dever-se mais às profundas influências da expansão da população do que a Lenine ou Nicolau; e o poder sedicioso da excessiva fecundidade nacional pode ter dado uma maior contribuição para destruir os nexos convencionais do que o poder das ideias ou os erros da autocracia.

## II. ORGANIZAÇÃO

A delicada organização que pautava a vida destes povos dependia em parte de factores internos ao sistema.

A interferência das fronteiras e das pautas aduaneiras estava reduzida ao mínimo, e não andavam longe dos trezentos milhões as pessoas que habitavam nos três impérios da Rússia, da Alemanha e da Áustria-Hungria. As várias moedas, mantidas todas numa base estável relativamente ao ouro e entre si, facilitavam uma circulação fluida dos capitais e do comércio a uma escala cujo pleno valor só agora medimos, quando nos vemos privados das suas vantagens. Em toda esta grande área verificava-se uma quase absoluta segurança da propriedade e das pessoas.

Esses factores de ordem, segurança e uniformidade de que a Europa nunca antes gozara num território tão vasto e por tão longo período prepararam a via para a organização desse alargado mecanismo de transportes, distribuição de carvão e comércio externo que possibilitou uma ordem industrial da vida nos densos centros urbanos de população recente. Tudo isto é abundantemente conhecido, não carecendo pois de substanciação quantitativa pormenorizada. Mas poderemos ilustrá-lo através dos valores relativos ao carvão, que constituiu o factor crucial do desenvolvimento industrial da Europa Central, praticamente tanto como da Inglaterra;